

Pandemia da COVID-19: violência e poder em territórios do Norte e Nordeste – epicentros de vulnerabilidades psicossociais

Jaqueline Souza
Regina Marques de Souza Oliveira

A segunda década do século XXI, de 2011 a 2020, vê as suas cortinas sendo fechadas por um evento que ficará para sempre marcado na história do mundo e na memória de todos os quase 8 bilhões de habitantes do planeta Terra: a pandemia da COVID-19 (nome dado à doença infecciosa causada pelo novo coronavírus). Com diversas questões polêmicas quanto a origem, criação, natureza, comportamento, ação e impactos, o chamado coronavírus, registrado pela China em dezembro de 2019, tornou-se personagem famoso de uma verdadeira história de terror em que centenas de mortes passaram a ser anunciadas diariamente em nossas telas.

A medida que o vírus se espalhava pela China, Itália e Espanha, e os corpos eram empilhados à espera de um desfecho final na Itália, o resto do mundo assistia seu futuro próximo se desenrolar nas muitas lentes, enunciados e chamadas da mídia mundial. Algo começava a se insinuar: se o vírus é tão contagioso e agressivo.... Se as fronteiras do mundo moderno são tão fluidas e elásticas... se a globalização conectará o mundo... estávamos diante de uma iminente pandemia mundial.

Assim, não demorou muito para que começássemos a perceber que a letalidade da situação não estava apenas no vírus que aterrissou em grande parte dos países do mundo, deixando em apreensão diversos setores e profissionais da saúde. A letalidade recai também, e, talvez, sobretudo, no tratamento político mobilizado nos diferentes países, estados e municípios para o enfrentamento da pandemia.

Em poucos dias ficou mais do que evidente que as demandas e dinâmicas do mercado global e do mundo moderno assentiram para que o novo coronavírus se tornasse o mais inoportuno hóspede dos estados nacionais.

Os primeiros sinais de rivalidade entre Economia e Saúde Mundial entraram em ascensão quando as mortes causadas pela doença não mobilizaram, ou mobilizaram muito pouco, as pautas econômicas dos setores públicos e privados da grande maioria dos países afetados.

No cenário das relações internacionais, a China foi avacalhada e os Estados Unidos da América se enrijeceram, afinal, New York se tornava o epicentro da doença no mundo e a Times Square estava vazia. Assim, a pandemia expunha, com assustadora, desdenhada e triste clareza, todos os males de uma modernidade pautada em um capitalismo que, como bem adjetivou Marx, caracteriza-se por ser, acima de tudo, selvagem. Selvagem no sentido de que assume posturas e princípios de opressão, de devastação e de condenação à morte em detrimento do capital.

As desigualdades, as violências, os invisíveis e inconvenientes sociais ficaram mais nítidos, como que reluzindo à sombra da morte.

O medo começou a crescer e uma conclusão óbvia nos afetou: estávamos sob as decisões dos nossos governantes, a mercê de interesses e pautas político-econômicas. E isso assustou e assusta muito. Sobretudo, quando reconhecemos dias depois que, por exemplo, manter as comemorações do carnaval no Brasil em 2020 expunha a população brasileira à um alto risco de contaminação. O pavor, todavia, é muito maior quando se ouve na TV que o vírus que mata em escala mundial não passa de uma “gripezinha” e que o trabalhador não pode e não deve parar. A necropolítica é instituída assim sem muito pudor. Mas, as cenas do filme de terror não param de passar.

Medo, pavor, preocupação, ansiedade, distúrbios de alimentação e de sono, tornaram-se, então, assuntos abordados com frequência acerca do acometimento da saúde mental da população mundial durante a crise gerada pela pandemia da COVID-19. O que se deixa para debaixo do tapete, no entanto, é que a fome, a negligência de assistência social, a situação de extrema pobreza, miséria e desigualdade em que milhares vivem, enfim, os problemas de cunho político-social, agravados pela pandemia, são também influenciadores da saúde mental das pessoas, principalmente as mais vulneráveis.

Além disso, o distanciamento e isolamento social, apontados como principais medidas de prevenção à COVID-19 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), trouxeram à tona as já conhecidas fragilidades de um sistema sociopolítico e econômico pautado pela desigualdade econômica e social, pela desumanização dos corpos, pela violação do direito à vida e à cidadania. Assim, o dilema: trabalhar para comer ou ficar em casa para não adoecer, colocará em vias de fato o caráter político-social crítico da pandemia.

Assim, os números de casos e óbitos notificados, por mais velozes que sejam, parecem não conseguir exprimir o real declínio da vida humana na Terra, uma vez que

não colocam em evidência as relações de poder e dominação, os interesses do capital e do seu sistema mantenedor, por detrás do fim destinado àqueles e àquelas enterrados e enterradas naquelas chocantes valas abertas num cemitério em Manaus. Manaus, na região Norte, capital do estado do Amazonas, que sofre com a negligência de infraestrutura e recursos voltados à saúde, educação, saneamento básico e todo tipo de assistência para com as suas populações locais, fortemente caracterizadas pela presença e influência indígena.

A cena dos caixões empilhados nas covas rasas abertas no cemitério de Manaus faz lembrar do personagem, da morte, vida e sina Severina entoada pelo poeta João Cabral de Melo Neto. A cena de Manaus e os versos “*e o pouco que não foi morte/ foi de vida Severina/ aquela vida que é menos/ vivida que defendida*” são como um soco no estômago.

A ancestralidade dos mais velhos que partem e os corpos que não podem ser vistos e velados, acrescidos dos versos “*Esta cova em que estás/ Com palmos medida/ É a parte que te cabe deste latifúndio/ Não é cova grande/ É cova medida/ É a terra que querias ver dividida*”, parecem mostrar que a sina Severina imperou, a esperança cessou, que a morte traga pelo novo vírus, não foi só ela que matou. O nortista capta a sentença. A gravidade da pandemia no Ceará e em Pernambuco faz o nordestino também captar.

— E DAÍ? A verdade é que o Norte e o Nordeste nunca se entregaram.

— E DAÍ? Somos resistência reincidente, sim, senhor.

Desta forma, não resta dúvida de que a pandemia da COVID-19 no Brasil tem se mostrado mais grave, drástica e cruel para com as populações severinas, negras e indígenas, empobrecidas ao longo da história deste país. Populações em condições de vulnerabilidades sociais, que não dispõem dignamente do acesso aos bens sociais cujas suas mãos e vidas construíram e constroem paulatinamente. Populações para as quais o acesso à água tratada, à três refeições por dia e à uma vida mais digna ainda são sonhos mantidos com muita força e luta.

É no contexto desta relação entre territórios, as historicidades de suas populações locais e as vulnerabilidades e violências psicossociais agravadas pela pandemia da COVID-19 que o Litoral Sul da Bahia é aqui destacado, uma vez que no tocante à Bahia, maior estado da região Nordeste, o Sul do estado despontou com preocupantes taxas de casos e óbitos notificados, ficando atrás apenas da capital

Salvador, revelando, assim, ser o Litoral Sul o segundo epicentro da doença no maior estado nordestino.

Assim, os municípios de Ilhéus, Itabuna e Uruçuca, que acumulam o maior número de casos e óbitos registrados no Sul do estado, têm em comum o fato de estarem situados no Território de Identidade Litoral Sul – que compreende desde Maraú à Canavieiras –, fazendo parte da chamada Zona Turística Costa do Cacau. De tal forma, os referidos municípios são destaques de como a gravidade da pandemia da COVID-19 não está desassociada das características e ações político-econômicas e territoriais planejadas e defendidas para uma região. E podemos afirmar que está diretamente associada à segregação socioespacial que é, sem dúvida, racial. O “paraíso” dos resorts e paisagens até então zonas privilegiadas das populações indígenas, quilombolas e ribeirinhas foi invadido por estrangeiros europeus e norte-americanos (EUA) que transitam com seus carrões e picapes que cortam as estradas e coqueiros baianos e se instalam nas casas construídas com toras de madeiras nativas e repletas de vidros que permitem a observação idílica da mata.

A sociabilidade não é o idílio que pretendem, pois crianças com pele cor de leite e adultos igualmente transparentes jamais se aproximam das populações da terra. “Gringos”, como são chamados pelos nativos da terra (indígenas, caboclos, negros, pardos, pretos, quilombolas), consomem em restaurantes construídos para eles. As comidas típicas ganham o sabor dos grandes chefes internacionais e o poder público parece consentir com as demandas deste público exigente. Que massacra e ignora preta gente. Tomando seus territórios. Assim como a COVID-19 os (nos) devora.

Mas a pandemia vai arrebatrar muito mais corpos negros e indígenas. Nossos caboclos vão nos receber de braços abertos na zona dos não vivos do planeta Terra.

Mas não há com que se preocupar. Sobrevivemos ao primeiro holocausto da humanidade: o escravismo e o genocídio indígena nas Américas.

Os poucos, fortes guerreiros que ficarem, farão a vingança que terá sua espera.

Vingança que não é de sangue. Como Fanon (2010), não gritaremos mais nestes e nos próximos dias. Com toda serenidade é importante dizer certas coisas:

Como uma prece, criar novos versos,
Um novo verbo, uma voz poética para um novo Humanismo...
A compreensão dos Seres Humanos...
Nossos irmãos negros, irmãos de cor...
Eu creio em ti, Ser Humano...
O preconceito de raça...

Compreender e amar... (FANON, 2010, p. 5).

A ciência nos trará novamente a condição de permanecer na vida.

E a população negra e indígena continuará a lutar. Como temos lutado, com flores e cuidados para o mundo. Nosso povo é resistente. E ele veio para mudar.

A COVID-19 ajustou um tempo de espera. Haveremos de retornar mais fortes.

Pois no holocausto primeiro da Humanidade, antes dos judeus, nossas gerações de indígenas e negros ressurgiram gloriosas nos cenários dos mundos. Permanecemos.

COVID-19 - um recado para os exterminadores: as tempestades e as guerras havemos de atravessá-las, como a diáspora sempre fez, cortando as ondas...

Referências

BRASIL. PRONAT/SDT/MDA. *Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável. O que o Litoral Sul tem?* Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário — Secretaria de Desenvolvimento Territorial — SDT — Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais — Pronat, 2010.

FANON, Frantz. *Peau noire, masques blancs*. Paris: Editions du Seuil, 2010.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina e outros poemas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.